

Fé e Missão



N.º 26

13 ABRIL 2022

SEMANÁRIO MADEIRENSE DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ



Páscoa Tempo de renovação

NOTA PASTORAL | Págs. 8 e 9



A vivência da Semana Santa



Domingo de Ramos

O Domingo de Ramos marca o início da Semana Santa. Neste dia relembramos a entrada de Jesus em Jerusalém. O Filho Unigênito de Deus é aclamado como Senhor e Rei.

E mesmo sabendo o que viria pela frente, seguiu o seu caminho. Muitas vezes sabemos que vamos enfrentar problemas e dificuldades. E devemos seguir o nosso caminho com fé e confiança em Deus.



Segunda-feira

Na segunda-feira, o Evangelho mostra Jesus reunido com Lázaro, Marta e Maria, anunciando que em breve não estaria entre eles. O salmo do dia nos diz: “O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei?” (São 26, 1).

E este deve ser o nosso sentimento, de que Deus está sempre ao nosso lado, em todas as situações.

Terça-feira

O Evangelho da terça-feira nos traz a última ceia. Jesus diz que a sua entrega é a glorificação de Deus. Ele ainda fala sobre a traição de Judas e a negação de Pedro.

O Salmo mostra uma oração de confiança: “Sede-me uma rocha protetora, uma cidadela forte para me abrigar; e Vós me salvareis, porque sois meu rochedo e minha fortaleza” (Salmo 70, 3).

Quarta-feira

Na quarta-feira da Semana Santa a liturgia mostra-nos um trecho do livro de Isaías: “Ofereci as costas para me baterem e as faces para me arrancarem a barba; não desviei os olhos de bofetões e cusparadas. Mas o Senhor Deus é meu Auxiliador, por isso não me deixei abater o ânimo, conservei o rosto impassível como pedra, porque sei que não sairei humilhado” (Isaías 50, 6-7).

E no Evangelho, Jesus prepara a última ceia sabendo que um dos discípulos O entregaria aos sumos sacerdotes.

Quinta-feira Santa (manhã)

E na manhã da quinta-feira, a missa da unidade, quando são abençoados os Santos Óleos: do Crisma, dos Catecúmenos e dos Enfermos. Bispo e sacerdotes reafirmam o compromisso de servir a Cristo.

Que nestes dias possamos refletir ainda mais sobre a mensagem de Jesus, o filho de Deus que veio ao mundo para nos dar a salvação.

Que possamos seguir seu exemplo com amor e confiança nas promessas do Pai.



Semana Maior celebra mistério da salvação

A Semana Santa também é chamada de “A Semana Maior”? Ela é maior não somente porque ao invés de ter sete dias, ela contém oito – sendo dois domingos, mas sobretudo porque ela celebra o coração do mistério da nossa salvação.

É uma semana de grande importância para toda a humanidade, o centro da história e ao mesmo tempo o seu fim, já que ela aponta e conduz ao fim da nossa caminhada na terra, a nós que desejamos a Vida eterna.

Essa salvação realiza-se na Páscoa do Cristo, que passando pelo sofrimento e pela morte, entra na vida nova da ressurreição. Em Jesus, o Filho de Deus, a humanidade tem acesso à Páscoa eterna. Nesse sentido, São Paulo diz-nos que “nós somos cidadãos dos céus. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso mísero corpo, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, em virtude do poder que tem de sujeitar a si toda criatura” (Fl 3,20-21).





A liturgia da Semana Santa

Todos os anos a Igreja oferece-nos esse tempo forte e de muitas graças, considerado o ápice do ano litúrgico, que começa no domingo de Ramos e segue até ao Domingo de Páscoa.

A liturgia convida-nos então a acompanhar Jesus passo a passo, desde a sua chegada a Jerusalém, até o encontro de Jesus ressuscitado com os discípulos, passando pela colina do Gólgota onde foi crucificado. Toda essa trajetória alimenta a nossa fé e ajuda-nos a compreender e a experimentar o grande amor de Deus por nós.

A Semana Santa contém vários eventos de grande importância para nós:

– O Domingo de Ramos, com a entrada triunfal de Jesus na cidade santa de Jerusalém.

– O Tríduo Pascal (três dias):

Quinta-feira Santa: Jesus lava os pés dos apóstolos e institui a Eucaristia e o sacerdócio.

Sexta-feira Santa: Jesus sofre e entrega a sua vida por amor por nós.

Sábado Santo: o corpo do

Senhor está no túmulo. Dia de silêncio. Nenhuma celebração é feita durante o dia.

– A grande vigília Pascal: que acontece no sábado à noite para celebrar a ressurreição de Jesus.

Em seguida, no domingo, continuamos a celebrar com grande júbilo a presença viva de nosso Senhor.

Participar nas celebrações litúrgicas propostas pela Igreja, é de grande importância para que possamos (re-)viver esses eventos como se estivéssemos ao lado de Jesus em Jerusalém.

Elas despertam em nós sentimentos de compaixão, de contrição e de reparação, além de nos dar forças para carregarmos nossa cruz, ajudar-nos a viver na esperança e a entrar na alegria da ressurreição e da Vida eterna.

Páscoa

O maior acontecimento da história do Cristianismo

A ressurreição de Jesus é o alicerce sobre o qual se apoia toda a nossa fé, de modo que o grande Apóstolo São Paulo pode afirmar: “Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais no vosso pecado” (1 Coríntios 15,13.17).

O testemunho mais grandioso e original da fé das primeiras comunidades cristãs na ressurreição de Cristo está em 1 Coríntios 15,3-8: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

Apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram.

Paulo escreveu esta mensagem no ano 56, ou seja, pouco mais de 20 anos apenas após a ressurreição do Senhor Jesus. Ele redigiu o que antes – nos anos 51-52 provavelmente –, já tinha pregado de viva voz ao povo de Corinto, conforme recebera da Igreja nascente (ler: 1 Coríntios 15,1-2.3-4).

Portanto, já nos primeiros tempos, após a Ascensão do Senhor ao céu, há entre os fiéis a crença firme na ressurreição corporal de Cristo que pode ser provada, inclusive com muitos testemunhos (mais de 500 pessoas).





Testemunho da ressurreição de Jesus

O sepulcro vazio (ler Marcos 16,1-8), conforme encontrado pelas santas mulheres, é outro testemunho da ressurreição corporal de Jesus. E por que o é?

Por quatro pontos importantes: a) o sepulcro, pertencente a José de Arimateia, estava em local conhecido, de modo que as mulheres puderam visitá-lo de madrugada e sem medo; b) o facto de as mulheres não terem encontrado o corpo é real, pois, se fosse invenção das primeiras comunidades cristãs, logo seria colocado no ridículo pelos judeus de então, que não acreditavam na palavra de mulheres.

Aliás, os próprios Apóstolos não deram fácil crédito: só Pedro foi ao túmulo (ler Lucas 24,10-12); c) os inimigos de Jesus – que não eram poucos – nunca puderam negar a ressurreição em si, apenas inventaram uma desculpa esfarrapada: os guardas que vigiavam o túmulo dormiram e alguém veio e roubou o corpo.

Ora, se dormiam, como viram o roubo? Se não dormiam, por que deixaram que o corpo fosse levado? Onde estaria esse corpo? Por que não o recuperaram?

d) a ressurreição tem de ser, por todos os dados expostos, um facto histórico e é nesse facto real que a Igreja sempre acreditou, e por isso o pregou sem medo a todos, apesar das muitas perseguições (ler Atos 10,37-42).



Jesus está vivo e tudo muda

O encontro com Jesus Ressuscitado é transformador: Ele nos coloca de pé, nos faz avançar e crescer na caridade.

A liturgia do Domingo de Páscoa nos propõe um trecho maravilhoso do Evangelho de São João (20,1-9) que nos conta: “No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então

ela saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava...”

Provavelmente você conhece essa piada de Páscoa... “por que Jesus apareceu ressuscitado pela primeira vez às mulheres?” E, sorrindo, alguém responde: “para que a notícia se espalhasse mais rápido!”

Sabendo que muitos acusam a Igreja de misoginia, é melhor evitar esse tipo de piada. Sobretudo, temos que evitá-la porque essa que é a Grande Notícia, a grande Boa Nova, razão de nossa fé cristã, é a missão de todos os cristãos: temos que dizer ao mundo que Cristo está vivo, que Ele venceu a morte e as trevas.



Páscoa é ressurreição

São Paulo diz-nos que, se Cristo não ressuscitou dos mortos, a nossa fé é vã (cf. 1 Cor 15,14). Devo acrescentar: se Ele não ressuscitou, todos podemos ficar em casa, fechar todas as igrejas, parar de orar e de exercer a caridade. Quanto a mim, pego minha mala e vou para casa certo de que perdi meu tempo. Mas não! Cristo ressuscitou! E já que Cristo está vivo, tudo muda, pois o encontro com Jesus Ressuscitado é transformador: Ele nos coloca de pé, nos faz avançar e crescer na caridade. Ele nos torna “melhores”: mais humanos, mais espirituais, mais fortes, mais corajosos, vitoriosos...

Esta é a experiência de Maria Madalena, os apóstolos e de bilhões de pessoas ao longo da história. Este encontro não cessa de transformar os corações em todo o mundo.

Ao ler isso que escrevo, talvez algumas pessoas pensem que essa realidade é grandiosa demais e impossível. Ou, que isso pode ser verdade, mas que é preciso já estar bem “avançado” na fé para fazer este encontro com o Ressuscitado.

Se alguém se sente o pior e indigno de Jesus: bem-vindo! Ele veio para os pobres, para os enfermos e para os pecadores... ou seja, para nós!

É pensando em todas essas questões que proponho três itinerários on-line:



Tempo de graça

1. Viver a gratidão

A Páscoa é o tempo que Deus nos dá para mergulharmos de forma mais profunda na vivência da Gratidão. A gratidão é reconhecer um feito, uma graça, onde mergulharemos mais e mais nesse tempo.

Queremos reconhecer que a Ressurreição de Cristo é a fonte da gratidão e o objeto principal da nossa ação de Graças. Reconhecemos que Cristo, por amor a nós, se entregou na cruz, morreu para nos dar vida, esperança.

No retiro de Páscoa online, O Milagre da Gratidão, iremos nos aprofundar sobre a Gratidão nesse tempo no qual vivemos, mas nunca tirando o olhar do sentido maior da nossa fé que Cristo está vivo e Ressuscitado em meio a nós. Clique aqui para se juntar a nós nessa experiência online.

2. Proclamar que Ele vive!

No Tempo Pascal podemos vivenciar pela fé, uma profunda experiência com o Ressuscitado. Viver a alegria, a esperança e a paz trazidas a nós pela Ressurreição de Jesus, que passa pela Cruz, mas vence a morte por sua morte, nos garantindo a vida eterna.

Movidos pela alegria da ressurreição, trilharemos um caminho de reflexões ao longo dos Domingos do Tempo Pascal, percebendo a face misericordiosa de Deus, que sendo Bom Pastor, nos ama com ternura e nos convida a termos esperança. Te convidamos a viver o retiro de Páscoa, Ele vive, conosco! Clique aqui para se inscrever.

3. Celebrar a alegria que passa pela Cruz

Você conhece o Terço da Alegria da Paixão? Este terço surgiu por uma inspiração suscitada no coração do Diácono Luiz Santana, fundador da Comunidade Católica Passio Domini. Fundamentado na Palavra de Deus, tem por intuito motivar o olhar para Paixão do Senhor para além da comoção e o emocionalismo, dor e sofrimento pelo sofrimento, remetendo-nos a uma nova perspectiva desvelada e revelada pelo Senhor na sua Paixão; a potência da ressurreição, da vida nova, da santidade proporcionada por esse momento singular, único e marcante na História.



Uma tradição antiga que foi modernizada



Localizado no altar ou em outra parte da igreja, o sacrário é frequentemente acompanhado por uma pequena luz vermelha. Isso indica que o Corpo de Cristo está lá.

Se a lâmpada estiver desligada, isso significa que o sacrário está vazio. Esta presença luminosa é obrigatória, como indica o direito canônico: “Diante do sacrário em que se conserva a santíssima Eucaristia esteja acesa continuamente uma lâmpada especial, com que se indique e honre a presença de Cristo.” (cân. 940).

A tradição de iluminar lugares sagrados é antiga. No Livro de Levítico (24, 2-3), o sumo sacerdote Aarão já fazia isso de acordo como o Senhor havia pedido a Moisés.

Na Igreja Católica, o uso de uma fonte luminosa colocada perto do sacrário remonta ao final do século XII. Por muito tempo, uma pessoa da comunidade era encarregada de garantir que as velas litúrgicas e a iluminação funcionassem bem.

Originalmente, a iluminação era fornecida por uma vela de cera ou óleo vegetal. No contexto da Primeira Guerra Mundial, sendo estes itens muito caros, um decreto autorizou o uso de luz elétrica nas igrejas, mas a luz elétrica não substituiu totalmente o uso de velas. Gradualmente, as lâmpadas foram eletrificadas para facilitar a manutenção.

Essas lâmpadas geralmente são todas simples, mas também podem ter valor artístico real, especialmente quando são cuidadosamente ornamentadas ou criadas em harmonia com o sacrário.



Significado da cruz processional



Levada em procissão antes das cerimónias religiosas, sobretudo no início da Missa, a cruz processional, à frente do sacerdote, indica a todos os presentes que é Cristo quem conduz o caminho.

Cristo também está sempre representado nesta cruz, porque ele está à frente do seu povo. Como o bom pastor, orienta a direção da marcha.

O crucífero é aquele que leva esta cruz, que deve ser alta para que seja visível a todos na igreja.

Quando o número de acólitos o permite, usa-se também o incensário, levado neste caso pelo turífero para purificar a igreja.

Os ceroferários – aqueles que carregam velas acesas – acompanham a cruz para mostrar à assembleia que Cristo é a luz do mundo.

À chegada ao altar, o crucífero coloca a cruz processional em local adequado.

Após a celebração, durante a procissão de saída, a cruz também vai em primeiro lugar.

Da cruz processional à cruz fixa

Esta grande cruz pode servir em outras procissões além da



Missa, mas a presença de um padre ou membro do clero é sempre obrigatória.

As primeiras cruzes usadas nas igrejas eram apenas cruzes processionais, também chamadas de cruzes sazonais.

Remontam aos primeiros

séculos, quando os cristãos reconheceram o sinal da sua salvação na cruz.

Na época, os acólitos destacavam algumas cruzes processionais do mastro para colocá-las no altar. Mais tarde, durante a Idade Média, instalava-

se outra cruz, desta vez fixa, para permanecer no altar.

A cruz de Lotário

A riqueza das cruzes processionais varia de acordo com os tempos. Algumas têm decoração com pedras preciosas,

enquanto outras apresentam trabalhos de ourivesaria.

A mais conhecida de todas é a Cruz de Lotário, que está conservada na catedral de Aachen, na Alemanha. Esta cruz foi feita por ourives por volta do ano 1000.



O país que tem a Bíblia na sua bandeira



Existem muitos países católicos no mundo, mas com a Bíblia na sua bandeira, há apenas um: a República Dominicana, uma bela ilha caribenha caracterizada pelo calor e fervor de seu povo.

A bandeira desse país tem uma grande cruz branca no centro e, bem ao meio, está o brasão, que contém uma Bíblia aberta em cima de uma cruz.

Além disso, escolheram-se intencionalmente o Evangelho, o capítulo e o versículo da bandeira (São João 8,32): “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Para os independentistas do país, era importante destacar a liberdade em sentido amplo nos seus símbolos nacionais, mas também de forma específica, na liberdade que se obtém da fé e dos bons princípios, aqueles que permitem discernir entre o bem e o mal.

A mentira, por outro lado, chega a separar nações, pois gera desconfiança, desconforto e ansiedade.

O desenho é de autoria do político dominicano Casimiro Nemesio de Moya e foi oficializado em 1913. As suas características estavam sob o efeito da lei do artigo 32 da Constituição.

Infelizmente, às vezes os políticos decidem usar a bandeira sem o brasão, mas os dominicanos protestam imediatamente, pois consideram isso um desrespeito aos valores cristãos da sua nação. Para a maioria, Deus é o centro de tudo, e isso reflete-se claramente na sua bandeira. Alguns até acreditam que é o



amor e devoção ao Senhor que os protege dos desastres naturais sofridos, por exemplo, pelo seu vizinho Haiti.

Símbolos cristãos

Existem outros países que incluíram símbolos cristãos na sua bandeira, sendo a cruz o principal protagonista.

Por exemplo: a bandeira do Reino Unido tem uma combinação das cruzes dos santos padroeiros da Inglaterra (São Jorge), Escócia (São André) e Irlanda do Norte (São Patrício).

No entanto, a República Dominicana é a única nação com uma Bíblia na sua bandeira. Nem mesmo o Estado do Vaticano tem.



Quinze coisas sobre o Papa Francisco

Fragments do livro "Dos pobres para o Papa, do Papa para o mundo", lançado em abril.

Fragments do livro "Dos pobres para o Papa, do Papa para o mundo", lançado em abril.

A primeira desilusão do Papa Francisco quando criança foi perceber que o seu pai não era dono de todos os carros em Buenos Aires.

Essa e outras muitas curiosidades constam no seu livro de diálogo com as pessoas pobres de todo o mundo (*Des pauvres au pape, du pape au monde*, éditions Seuil) a ser publicado a 1 de Abril de 2022. No livro, o Papa faz confidências espontâneas, das quais publicamos abaixo alguns fragmentos.

Poema preferido

Sabe, tenho um lado melancólico. E gosto de repetir para mim mesmo um poema francês que reflete o meu coração quando está melancólico. É de Verlaine: "Os longos trinos dos violinos do outono ferem minh'alma com uma calma..." Há outro poeta francês de quem gosto muito, é Baudelaire, e as suas *Fleurs du mal*.

Livro preferido

Gosto dos clássicos. E entre eles, meu favorito é provavelmente a Eneida.



Também já li muitos autores modernos. Mas os clássicos moldaram-me mais.

Música

Para mim, o que me tranquiliza e me acalma é ouvir música. E mais especificamente Wagner.

A sua santa favorita

Santa Teresa de Lisieux.

Dieta atual

Até há três anos atrás eu comia de tudo. Agora, infelizmente, tenho uma grave complicação intestinal, diverticulite aguda, e tenho de comer arroz cozido, batatas cozidas, peixe grelhado ou frango. Simples, simples, simples...

A cor da roupa

Dois dias após a minha eleição, as pessoas disseram-me: “Santo Padre, debes usar calças brancas. Eu respondi: “Eu não sou uma geleira!”

Método de aprendizagem de alemão

Faz-me lembrar os livros de aprendizagem de línguas chamados “Assimil”. [...] Foi assim que comecei a estudar alemão, e foi assim que se abriu a porta a novas línguas.

O que o deixa desconfortável

Quando as pessoas começam me fazer elogios, sinto-me desconfortável, porque sei que não é a verdade. O que me convém é a proximidade do povo, para que não tenham de



me fazer uma espécie de divindade ou veneração.

A sua primeira desilusão

Lembro-me como se fosse ontem a minha primeira desilusão com o meu pai, ou pelo menos a primeira de que me consigo lembrar. Devia ter cinco ou seis anos de idade. O meu pai tinha-me levado à clínica para uma operação de amígdalas. (Naqueles dias, a enfermeira levava-te, sentava-te, segurava-te, punha algo entre os dentes para te impedir de fechar a boca e, com uma espécie de tesoura, pinçava-te! Foi como vos digo. Havia sangue por todo o lado. Nem sequer lhe davam tempo para gritar, traziam-te um sorvete, e com o sorvete você esquecia tudo!)

Quando saímos da clínica, o meu pai chamou um táxi para ir

para casa. Quando chegámos, ele pagou ao motorista. Fiquei atordoado! Não podia falar porque estava com muitas dores, e tinha de comer o meu sorvete para aliviar as dores. Mas dois dias depois, quando pude voltar a falar, a primeira coisa que disse ao meu pai foi: “Porque pagaste ao condutor? Ele explicou-me o trabalho do homem. Não conseguia acreditar nos meus ouvidos: “Como? Este carro não é seu?” Na idealização que fazia do meu pai, eu estava convencido de que ele era dono de todos os carros da cidade, e foi a minha primeira decepção ao saber que não era esse o caso.

Acidente de carro

Eu tinha dirigido até uma cidade a 250 quilómetros de Buenos Aires, a cinco horas de carro, para uma ordenação sacerdotal. Fui a esta



ordenação, e quando terminou, disse a mim mesmo: “Não vou comer lá porque isso me vai pôr a dormir. E eu saí. Quando estava a conduzir, começou a chover e a certa altura o carro derrapou. Eu tinha cinquenta e poucos anos, e pensei: “Quando a minha carteira de motorista, não vou renovar”. Porque me pareceu que este acidente foi um sinal.

As suas dúvidas

Não é que eu pensasse que já não podia acreditar em Deus, mas de fato me veio a perguntar: “Onde está Deus?” Foi uma experiência difícil e obscura. Tudo parecia ficar escuro. Talvez isto me tenha acontecido durante o meu exílio de Buenos Aires, na Alemanha, e depois em

Córdoba, Argentina. Tempos muito difíceis, sim, muito escuros. [Senti-me mal comigo mesmo. Rezei, coloquei-me nas mãos de Deus, pedi perdão, deixei que me ajudasse].

As suas principais falhas

Sou um cabeça quente. Como o posso dizer? Impaciente... Por vezes

respondo demasiado depressa. Por vezes pensava que era superior a outros. Por vezes não tive a paciência de esperar. E todas estas são falhas que estão relacionadas com sentimento de auto-suficiência, que é uma raiz muito amarga, muito feia, que eu tenho de vigiar o tempo todo.

O seu confessor

Confesso-me com o padre Manuel. Um franciscano, que me telefonou hoje. A cada quinze dias ele telefona-me e diz: “Passaram duas semanas. Depois ele vem e confessa-me. O seu nome é Manuel Blanco, ele é espanhol. É o superior de uma das comunidades franciscanas em Roma.

Uma pergunta que faz a si próprio à noite

Quando rezo à noite e tento examinar a minha consciência, para ver o que aconteceu durante o dia, como o vivi, surge-me sempre uma pergunta: será que o vivi com dignidade? E quando falamos de dignidade, referimo-nos a um sentido de realidade, humildade, e necessidade dos outros.

O seu maior desejo como Papa

Eu diria espontaneamente: ser um bom padre.



Novo bispo de Leiria-Fátima é da Madeira

D. José Ornelas tomou posse, no domingo 13 de março de 2022, como bispo de Leiria-Fátima e afirmou, na homilia da Missa, que chega à diocese sem “agenda nem programa”, mas com o “sonho” do “processo sinodal” em curso.



“É aquele para o qual o Papa Francisco convocou toda a Igreja em processo sinodal: a reunião de irmãos e irmãs, que se colocam à escuta da Palavra de Deus e do seu Espírito, para formarem uma Igreja em comunhão apesar da diversidade dos que a compõem”, disse o novo bispo da Diocese de Leiria-Fátima.

D. José Ornelas desejou para a Leiria-Fátima “uma Igreja de participação ativa de todos”, em “saída missionária, próxima dos mais fragilizados e excluídos da terra, acolhedora do estrangeiro e do que é diferente, como sinal e laboratório de um mundo melhor”.

“Este caminho já está a ser trilhado pela Igreja diocesana



e é a ele que eu me junto agora, contando com o vosso acolhimento e a vossa participação. Juntos podemos fazer com que esse sonho se torne realidade”, afirmou

O novo bispo de Leiria-Fátima disse que chega à diocese sem “agenda nem programas feitos” e pede que o aceitem.

“Eu também começarei por aceitar e inserir-me na vida que está em curso nesta Igreja”, acrescentou.

Convosco, aprenderei a ser desta Igreja e destas terras, cidades e gentes de Leiria, sob o exemplo e inspiração de

Maria, Mãe da Igreja que, em Fátima, nos veio mostrar o carinho de Deus, em tempos de guerra, de pandemia e aflição, como hoje, num diálogo simples e materno com três crianças”.

O Papa Francisco nomeou a 28 de janeiro D. José Ornelas, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), como bispo de Leiria-Fátima, sucedendo no cargo ao cardeal D. António Marto, que apresentou a sua renúncia.

O novo bispo de Leiria-Fátima, de 68 anos, estava à frente da Diocese de Setúbal desde 2015, ano em que foi

ordenado bispo, depois de ter sido responsável mundial pela Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos).

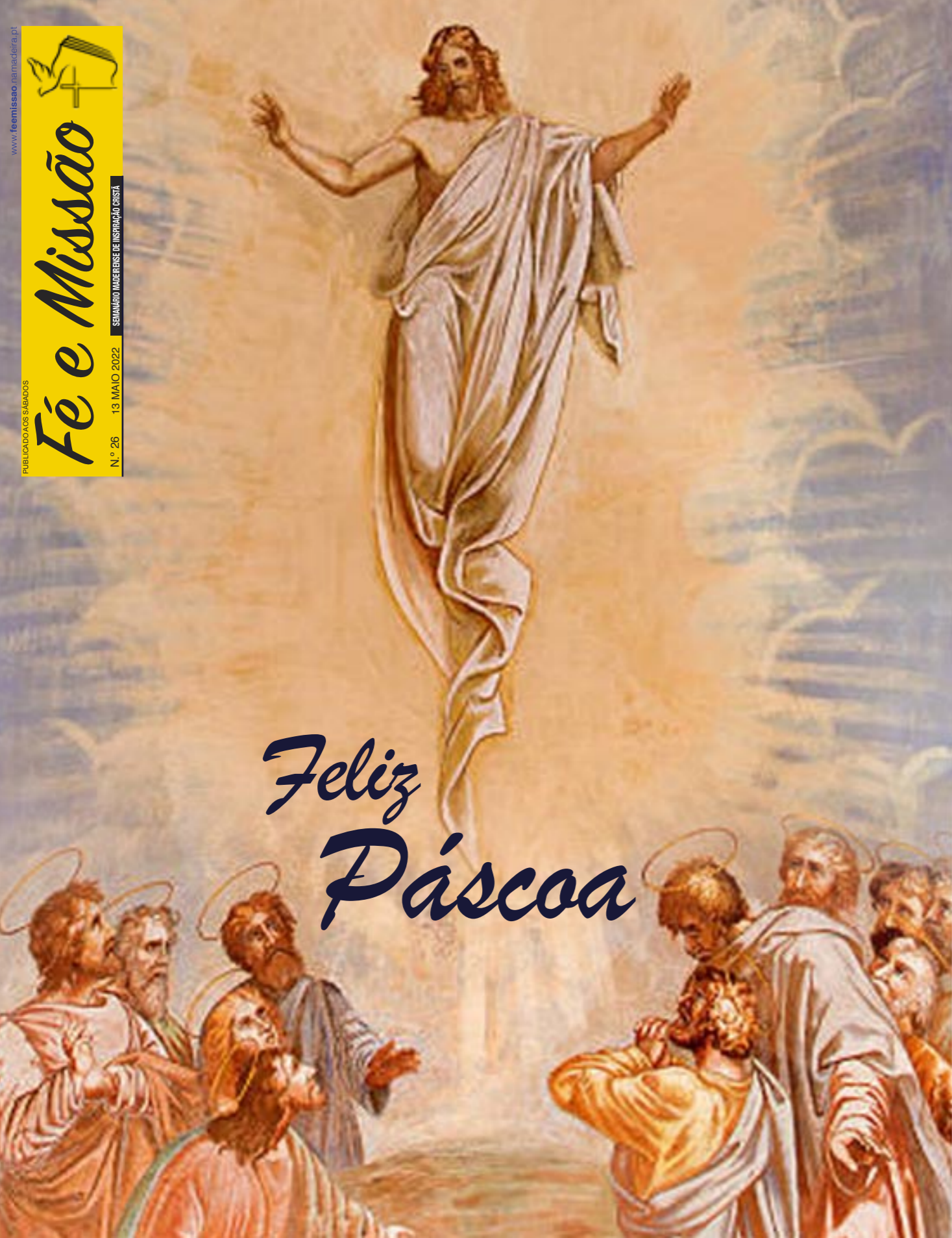
O sexto bispo de Leiria-Fátima desde a restauração da diocese, em 1918, nasceu a 5 de janeiro de 1954, no Porto da Cruz (Madeira), tendo feito a sua formação religiosa na Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos); foi ordenado padre na sua terra natal, a 9 de agosto de 1981.

Foi superior da Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus, cargo que

assumiu a 1 de julho de 2000; seria eleito superior geral dos Dehonianos a 27 de maio de 2003, cargo que ocupou até 6 de junho de 2015.

Após estes mandatos, D. José Ornelas Carvalho tinha sido indigitado, a seu pedido, para uma missão em África; o Papa Francisco nomeou-o bispo de Setúbal, a 24 de agosto de 2015 e a sua ordenação episcopal teve lugar a 25 de outubro do mesmo ano, na Catedral da diocese sadina, onde tomou posse.

Em junho de 2020 foi eleito presidente da Conferência Episcopal Portuguesa.



*Feliz
Páscoa*